

Entre resistência e paridade: uma análise das experiências afetivas na perspectiva de mulheres negras em um bairro periférico de Natal/RN

Resenha da dissertação: SILVA, Amanda Raquel da. *A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

Ana Patrícia Silva Moura

Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
ana.moura@ufrn.br
<https://orcid.org/0000-0001-8985-259X>

Bruna Tavares Pimentel

Universidade Federal da Paraíba
bruna.t.pimentel@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7055-3979>

Amanda Raquel da Silva possui graduação em Ciências Sociais, mestrado em Antropologia Social e atualmente é doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)¹. Ela é a segunda pessoa da sua família a ter acesso à universidade. A primeira foi sua irmã mais velha, que entrou no ano anterior, em 2014. A geração anterior à de Silva — mãe, tias e tios — trabalha como empregadas domésticas e também na

¹ Informações extraídas do Currículo *Lattes* da pesquisadora. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8172401889868958>. Acesso em: 6 ago. 2024.

agricultura, assim como a geração anterior a eles, com uma remuneração abaixo do salário-mínimo nacional.

A dissertação de autoria de Amanda Raquel da Silva intitula-se “A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN” e foi apresentada ao PPGAS da UFRN em 2019. O trabalho de Silva teve grande impacto na antropologia. Em 2019, recebeu o prêmio de melhor dissertação do PPGAS/UFRN e foi indicada para participar do Concurso Brasileiro de Teses e Dissertações em Ciências Sociais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em 2020. Além disso, recebeu menção honrosa no 2º Prêmio AMAR Fogo Editorial de Teses, Dissertações e Monografias.

Após o reconhecimento da qualidade e relevância social da dissertação de Amanda Raquel da Silva, outros prêmios² foram surgindo no âmbito do PPGAS/UFRN. No texto apresentado, a autora relata que é atuante no movimento negro do estado do Rio Grande do Norte e participa do Coletivo de Mulheres Negras “As Carolinas”. A sua participação nos movimentos sociais colaborou diretamente para a construção da pesquisa, que se baseou teoricamente nos discursos das intelectuais Sueli Carneiro (2011), Claudia Fonseca (2000), Patrícia Hill Collins (2016) e Angela Davis (2016), articulando as vivências das interlocutoras. É importante mencionar a autoafirmação da negritude de Silva, que é descendente de uma família quilombola e, até os vinte anos de idade, se identificava como “morena”. O processo de reconhecimento da negritude que ocorre com muitas pessoas pode ser lento por conta do racismo estrutural que coloca parte da população negra em negação da sua negritude. Com o uso de vários termos, há um processo de distanciamento do pardo, preto e negro. Ao passo que não se reconhecem e fogem desses termos, as pessoas também não são aceitas como brancas.

A dissertação de Silva foi dividida em quatro seções. Na primeira, a introdução, é apresentada a questão norteadora da pesquisa, assim como a temática e o percurso metodológico — também trazendo uma perspectiva etnográfica da pesquisadora, como ativista e Agente Comunitário de Saúde (ACS). A pesquisa foi

² Em 2021, a tese de Jociara Nóbrega, intitulada “Família, emoções e biosociabilidade: a mobilização de pessoas com uma doença rara no Rio Grande do Norte - a síndrome de berardinelli”, orientada por Carlos Guilherme Octaviano do Valle, ficou em 2º lugar no Prêmio Tabata Santos na Reunião de Antropologia da Saúde. No mesmo ano, a tese de Francisco Cleiton Vieira Silva do Rêgo, orientado por Rozeli Porto, foi ganhadora do prêmio Capes de Tese pelo PPGAS/UFRN na área de Antropologia/Arqueologia. Por fim, em 2022, a tese de Arthur Costa Novo, sob a orientação de Carlos Guilherme Octaviano do Valle, foi eleita a melhor tese do PPGAS/UFRN e obteve menção honrosa no X Prêmio Antropologia e Direitos Humanos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

realizada na zona norte de Natal, Rio Grande do Norte, parte considerada a mais violenta da cidade. É nessa região que Silva reside e atua, desde 2015, como agente comunitária de saúde. A população dessa região convive com altos índices de desemprego, subemprego e trabalhos informais.

Na segunda seção, a autora destaca a relevância das contribuições científicas sobre a afetividade, sobretudo, voltada para o conhecimento da população negra. Na terceira parte, Silva apresenta e descreve o perfil das mulheres negras interlocutoras da pesquisa, posicionando-as na perspectiva da afetividade, levando em consideração não só as vivências romântico-afetivas com os seus parceiros, mas também a pluralidade de afetos a partir do cuidado de quem convive com as interlocutoras, seja o companheiro afetivo-sexual, amigadas, familiares ou vizinhas. Silva propõe considerar o âmbito doméstico como um espaço de construção afetiva e de segurança material e subjetiva para as mulheres. Na quarta e última seção, a saúde, o corpo, a beleza e a sexualidade das mulheres são debatidas a partir dos seus discursos e de como esses fatores podem se correlacionar em suas vivências.

O objetivo da pesquisa foi realizar uma etnografia e analisar as experiências afetivas das mulheres negras, especialmente as da comunidade Paraíso, a partir da pergunta norteadora “como as mulheres negras pensam a si e a afetividade?”. O foco foi um grupo de mulheres negras na terceira idade, moradoras de um bairro considerado periférico. Tendo em vista que a pesquisadora atua como agente comunitária de saúde, era comum que as mulheres a procurassem para desabafar, questionar, expor preocupações e demandas, o que a levou a refletir sobre a solidão da mulher negra na terceira idade.

Nesse sentido, as interlocutoras da pesquisa foram mulheres negras de um bairro periférico, com faixa etária entre 50 a 75 anos. A metodologia desempenhada pela autora é fruto da sua sensibilidade como uma mulher negra que foi além das problematizações acadêmicas. Silva voltou seu olhar para a tradição, pois considera a oralidade das pessoas “mais velhas” como fonte de conhecimento transmitido para os “mais novos”. Esse ponto representa a sensibilidade da autora para olhar as histórias e experiências dessas mulheres, com a cautela de lidar com vidas, humanidade e respeito à ancestralidade.

Nesse sentido, a etnografia é inspirada na perspectiva de Lila Abu-Lughod (2000) de “contar histórias”. Na dissertação, é possível perceber o compartilhamento de histórias, que nos leva a refletir sobre como as mulheres negras buscavam a autora para contar suas vivências a partir de uma identificação, que pode estar voltada ao gênero e/ou a raça. De

certa forma, essa mesma identificação pode ter levado a autora a adotar um comportamento de escuta atenta e cuidado.

Por estar envolvida no processo de mediação entre a comunidade e a Unidade Básica de Saúde (UBS), a pesquisadora destaca a existência de uma relação de cuidado e diálogo entre as(os) ACS e as(os) residentes do bairro. Segundo Silva, essa relação facilitou a coleta dos dados da dissertação, que se deu a partir de entrevistas com seis mulheres negras, nas faixas etárias dos 50 aos 75 anos de idade, sendo duas viúvas, uma divorciada e três em relações estáveis. Os diálogos foram transcritos sem alterar as expressões linguísticas utilizadas pelas interlocutoras, a fim de manter a singularidade das participantes.

A inserção de Silva está relacionada ao seu lugar em campo. Nesse sentido, a autoetnografia, conforme a perspectiva de Daniela Versiani (2005), inclui a complexidade da compreensão do objeto, abrangendo tanto a percepção da própria pesquisadora quanto a de suas interlocutoras. Isso permitiu que Silva, ao longo do trabalho, se colocasse e falasse sobre suas experiências e suas sensibilidades, que se entrelaçam à teoria, com o objeto da pesquisa e com o saber. A proposta de Versiani (2005), desse modo, é evitar estratégias de leituras engessadas das subjetividades e identidades.

Para abordar a afetividade, a autora retoma obras de duas autoras negras de países diferentes: bell hooks, norte-americana, e Beatriz Nascimento, brasileira. A escolha das autoras se deu por conta de uma estratégia política, como uma forma de promover visibilidade aos seus escritos que pouco circulam nas disciplinas universitárias, apesar das grandes contribuições que elas oferecem. A teoria de Beatriz Nascimento é elucidada e apresentada por meio da obra de Alex Ratts (2007), na qual o autor narra as vivências dela.

Silva inicia o debate teórico a partir da perspectiva de bell hooks (2000), trazendo a ideia de que o amor é uma ação, um ato de resistência. A questão política, nesse aspecto, parte de uma ótica de que as pessoas negras vivenciaram relações baseadas em violência durante o período escravocrata. Os afetos, nesse sentido, são táticas de sobrevivência, pois o racismo fomenta o ódio a si mesma (o), entre negras e negros, e que também se estende a outros tipos de relação.

Ainda na perspectiva de bell hooks (2000), a pesquisadora destaca a necessidade de as mulheres negras explorarem a sua vida interior, o que corrobora para o reconhecimento dos próprios sentimentos, permitindo que os afetos possam ser preenchidos em contato com outras pessoas.

Beatriz Nascimento, por sua vez, atrela as questões econômicas e psíquicas às discussões a respeito da afetividade, que se relacionam estruturalmente às opressões vivenciadas pelas mulheres negras e impactam nas relações com outros sexos. No contexto brasileiro, no qual as mulheres negras lutam diariamente contra o racismo e o machismo ao mesmo tempo, é necessário que exista uma paridade econômica e social entre as duas pessoas em uma relação afetiva (Ratts, 2007).

Dessa forma, Beatriz Nascimento acentua a necessidade de que exista uma parceria, pois a mulher negra, que está inserida em determinados padrões sociais, também estará mais vulnerável a discriminações entre as pessoas do seu convívio. A potência de uma mulher negra, que se especializa e alcança alguns padrões sociais, é uma ameaça ao parceiro, pois as perspectivas e exigências da mulher negra mudam, o que faz com que elas enxerguem traços de dominação unilateral (Ratts, 2007).

Nessa perspectiva decolonial, baseada nas questões colocadas por hooks (2000) e Nascimento (Ratts, 2007), Silva contesta a ideia do amor romântico, no qual há a fantasia de submissão das mulheres em relação aos homens — modelo burguês europeu. Dessa forma, segundo a autora, é necessário que exista a busca pela paridade, transformando a ideia do amor romântico em um dinamizador cultural e social. A dissertação destaca a importância da afetividade na subjetividade negra, desmistificando a ideia de uma experiência afetiva universal. As experiências afetivas são contextualizadas e interpretadas a partir das histórias dessas mulheres, considerando tanto o presente quanto as memórias ancestrais.

No trabalho de Silva, a afetividade é analisada a partir da interseccionalidade, que possui uma dimensão influenciada pelos marcadores sociais da diferença, como gênero, raça e geração. Silva destaca a necessidade de que pesquisas a respeito da afetividade de pessoas negras sejam mais fomentadas no âmbito acadêmico, como, por exemplo, as opressões históricas afetivas que constroem a subjetividade das mulheres negras.

Partindo desses pressupostos, a autora atesta que a afetividade é uma experiência social — com influências diretas dos marcadores sociais da diferença. A interseccionalidade foi escolhida como uma teoria social e metodológica, a fim de investigar a afetividade a partir da raça, classe, gênero e geração, que são categorias analisadas simultaneamente, a partir de uma ação opressora que subalterniza as mulheres negras não só economicamente, mas também no campo da subjetividade voltado para as vivências afetivas.

Em relação a metodologia, foi possível perceber que, ao explorar as histórias relacionadas às experiências afetivas das mulheres entrevistadas, foi possível ter acesso aos seus universos pessoais e íntimos. Nesse contexto, elas compartilharam narrativas que evocaram memórias capazes de influenciar emocionalmente o estado em que se encontram no momento presente.

A pesquisadora Amanda Raquel da Silva, jovem mulher negra, ao finalizar a sua pesquisa, reconheceu a importância de perceber como experiências dolorosas podem se transformar em resiliência, sem a necessidade de ficar presa em situações de sofrimento. Pelo contrário, a pesquisadora observa que abordar narrativas afetivas pode ser uma ferramenta significativa de resistência. Essa abordagem destaca o confronto com outros discursos que tentam explicar o comportamento da população negra, muitas vezes sem compreendê-la adequadamente, ou até mesmo para evitar que experiências valiosas e conhecimentos, relevantes tanto para as pessoas quanto para a antropologia, que se baseia em experiências subjetivas, se percam no esquecimento e no silêncio.

Com base em algumas vivências das mulheres mais velhas, foi possível investigar as dinâmicas que se desenvolvem em momentos afetivos específicos essenciais para elas. Por exemplo, a esfera da conjugalidade, embora relevante, não foi algo considerado de maneira central ao abordar o tema, uma vez que não abrange todas as possibilidades de compreensão da afetividade. Na fase atual de suas vidas, estar ou não em relações erótico-afetivas não é uma prioridade, porém, é possível perceber que, ao refletir sobre a afetividade nesse momento, as interlocutoras destacaram outras relações como fundamentais, a exemplo dos vínculos com filhas e filhos, relações com suas residências, com a saúde e até mesmo com a doença. Essas relações podem manifestar aspectos afetivos em relação aos seus corpos, animais de estimação e também na construção de relações de cuidado com pessoas próximas, incluindo seus parceiros.

Dessa maneira, foram abordados conceitos relacionados ao corpo, autoestima, estética de corpos envelhecidos, negros, gordos, autoaceitação e autonegação. Esses temas foram constantemente conectados à construção afetiva, destacando-se como uma esfera crucial na reflexão sobre subjetividades. A saúde e a doença desempenharam papéis significativos em diferentes momentos, atuando como uma espécie de memória cronológica ao discutir a afetividade. Esse aspecto foi especialmente enfatizado no contexto das doenças ginecológicas, no qual alguns elementos foram determinantes em situações vivenciadas, incluindo o autocuidado e a saúde do corpo. Com base nisso, pode-se afirmar que saúde, doença e beleza estão intrinsecamente relacionadas aos processos de

vivenciar a afetividade e às interseções de raça, idade e gênero para esse grupo de mulheres. Por fim, convidamos o público leitor para ler e se apropriar das informações expostas na dissertação, com o objetivo de desnaturalizar esquemas hegemônicos dominantes no campo afetivo pautados no racismo e no sexismo.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. Locating ethnography. *Ethnography*, v. 1, n. 2, p. 261–267, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Portal Geledés*. 06 mar. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-ofeminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzs>. Acesso em: 06 ago. 2024.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 188–198.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2005.

Recebido em 18 de outubro de 2023.

Aceito em 31 de julho de 2024.